

VIVENDO NA LUZ E COM O *PRINCÍPIO ATIVO DE DEUS*

Paulo Manzini

Meu nome é Paulo Manzini, moro em Jundiáí. Eu sou professor universitário na área da Administração e tenho militado nas questões referentes às empresas e à igreja, que também está querendo ser empresa. Estou há 50 anos em Jundiáí.

Eu queria compartilhar com os irmãos algumas questões que estão latentes no coração de todos que têm percebido os tempos e as épocas. Em primeiro lugar, eu queria ler um texto: está em Gênesis 3. Eu quero me referir principalmente ao momento em que, depois de terem pecado, desobedecido a Deus, Adão e Eva tiveram que se encontrar com Deus pela primeira vez.

“Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi” (Gn 3.8-10).

Pela manhã, eu me referi àquele livro, “O impostor que vive em mim”, e penso que o Gary me provocou bem com a palavra dele... E todos os outros irmãos, num certo sentido, tocaram em pontos que são fundamentais que nós entendamos. Penso que não é preciso fazer uma retrospectiva da caminhada da igreja e de todas as suas apostasias, bem como da nossa situação atual. Eu gostei muito da palavra do irmão Ismael, no sentido de que percebo uma experiência profunda de um homem que tem andado com Deus. Ele disse algumas coisas muito importantes que precisam ser desconstruídas. Ele está se referindo a outras palavras que foram faladas hoje.

Ao longo desses últimos séculos e principalmente no século 20, mais eminentemente na sua segunda metade, nós temos adquirido alguns modelos mentais que hoje formam e são a fonte da cultura no meio da qual nós vivemos. O que é igreja? O que é ser cristão? Deus, pela sua misericórdia, tem atuado de maneira soberana, de maneira unilateral, no cenário da igreja como ela está, mas eu creio que nós estamos vivendo um tempo pra mudar de estágio, de série, mudar o curso para o próximo estágio da nossa vida. E é importante que nós tenhamos claro o que nos impede de entrar no nível em que Jesus precisa que estejamos para recebê-lo.

Em outras palavras, Jesus está voltando. Parece que quanto a isso, somos unânimes. O cenário está começando a ficar quente. A chapa está esquentando, como diz o jovem. A batata está assando. Jesus está voltando. O cenário mundial, quase pronto: Economia, História, Sociologia, todas as coisas estão prontas, praticamente cumprindo diariamente aquelas profecias que são muito conhecidas de todos. Eu não sou muito escatológico, acompanho não como estudioso dos sinais dos tempos, mas sei disso como todo cristão sabe e, mais do que saber, nós sentimos no nosso espírito que estamos próximos.

E a igreja, será que ela está pronta? Eu arrisco dizer que não. Talvez o irmão Ismael discorde um pouco de mim. Precisam acontecer algumas coisas. Mas o que precisa acontecer pra que a igreja fique pronta? Eu não estou me referindo a métodos, porque nós já desistimos deles. O irmão Ismael contou uma história mais longa do que eu consigo, mas eu também tenho uma longa história de desacertos, de tentativa e erro e, por fim, de desistência total. Desisti de tentar fazer um modelo que funcione. Desisti de ensinar qualquer coisa sobre como deve funcionar a igreja e desisti de qualquer coisa a respeito de mim mesmo. Joguei a toalha.

Eu creio que estamos no tempo de ver o que Deus vai fazer soberanamente para mudar nossa mente. Mas essa desistência, eu sinto, dá uma esperança pra nós. Porque enquanto estamos tentando fazer com que os nossos modelos mentais se cumpram na prática, nós estamos impedindo que o Senhor faça o que ele tem pra fazer. Existem, no entanto, algumas coisas, de acordo com aquilo que eu tenho entendido, que estão disponíveis para nós que estamos vivendo esse tempo. E a coisa disponível, na minha percepção, é entender o que Deus quer falar comigo, o que ele quer fazer com a minha vida individualmente. Isso nos leva a pensar em “princípio ativo”.

O princípio ativo

Em qualquer medicamento, aquele comprimido, aquele líquido é só o veículo. Tem líquido, tem sólido, tem comprimido pequeno, grande, tem aquele que toma de colher, aquele que só toma de gotinha, tem de tudo. Mas o que importa de fato nesses medicamentos? O princípio ativo. Poderia ter aquele comprimido, aquele líquido, qualquer coisa, aquele spray, e não ter o princípio ativo. Tudo igualzinho, porém sem efeito. Eu diria que a situação da igreja, de forma geral, é mais ou menos a seguinte: existem coisas acontecendo porque têm em si o princípio ativo agindo, o qual eu posso eventualmente reconhecer, e existem coisas que parecem que funcionam, mas não têm o princípio ativo envolvido.

Na década de 70, nos EUA, a Merck, um grande laboratório farmacêutico, teve um problema em um de seus medicamentos. Alguém fez uma malandragem, e o medicamento foi adulterado. Alguns lotes saíram com irregularidade, o que provocou a morte de seis pessoas. O que a Merck fez? Ela foi na região onde as seis pessoas tinham morrido, tirou o medicamento e guardou? Não. Ela mandou recolher o medicamento do país inteiro, com prejuízo absurdo. Por quê? Porque medicamento com o princípio errado ou sem o princípio ativo, mesmo que seja uma pequena parte – se fosse uma pequena parte –, já é muito perigoso. A pessoa que está dependendo dele pode morrer porque o medicamento não tem o princípio ativo. Eu queria dizer que isso se aplica à igreja: nós estamos vivendo um tempo muito crítico em que, por causa da igreja, muita gente está morrendo. E o motivo é simples: a igreja não é o que deveria ser ou, às vezes, ela não é o que deveria ser.

Eu não quero com isso ficar fazendo declarações contra a igreja, mas eu diria que o princípio ativo está presente quando o indivíduo tem um encontro pessoal com o Senhor. Isso

muda tudo. A pessoa que se encontra com Jesus, de maneira real, genuína – e é possível que aconteça, e muitas pessoas estão se encontrando com Jesus de maneira genuína no mundo –, vai ter esse princípio ativo e vai se multiplicar. Mas o grande problema que nós vemos é onde justamente começa o processo. E esse texto que eu li (Gn 3.8-10) mostra uma das principais causas daquilo que nós chamamos de ineficácia, ou seja, de algumas iniciativas humanas que não fazem efeito na sociedade. Nele vemos que o homem se escondeu. Esse é o negócio. Esse é o momento em que acontece o início de um flagelo que tomou conta de toda a raça humana: se esconder de Deus. Essa é a doença: se esconder de Deus, ter que disfarçar, ter que se tampar, se vestir. Esse texto se presta para muitos tipos de pregações sobre a figura de Jesus aparecendo logo no início da Bíblia. Mas eu diria que o esconder-se parece que foi a doença que contagiou a raça humana até hoje. Num certo sentido, faz com que nós tenhamos esse defeito.

O evangelho não está tirando as pessoas do seu esconderijo. O verdadeiro evangelho é aquele que faz o homem parar de se esconder de Deus. E o propósito de Deus, desde aquele momento lá no Éden até os nossos dias, é resgatar o homem do medo que ele adquiriu por causa do pecado e que faz com que ele precise se disfarçar de diversas maneiras.

Com medo e escondidos

“Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1.5-7).

Eu queria colocar esta situação: por um lado, temos um homem que adquiriu uma doença que o leva a se esconder, a ter medo, porque sabe que não está preparado para se encontrar com Deus e muito menos com seus semelhantes. Então se esconde, cria máscaras, jeitos, personagens até que, numa certa altura da vida, já não saiba mais exatamente quem ele é de fato, de tão confuso, de tantos personagens que acaba colecionando e desenvolvendo por medo. Medo de ser rejeitado. Este era o medo que havia lá no Éden: medo de ser rejeitado. Adão estava com medo de ser rejeitado por Deus, e esse é o medo que nós temos hoje: o de sermos rejeitados se sairmos do nosso esconderijo.

Muito do que existe na igreja hoje é fruto de medo. Muitas pessoas vão para as reuniões para cumprirem a obrigação com Deus, para aliviarem-se do medo de, de repente, incorrerem em desobediência, o que atrairia sobre elas o castigo de um Deus irado. Isso é o medo. Eu preciso dar o dízimo ou não terei bênção, não serei próspero. Muito do que há na igreja hoje está em função de oprimir as pessoas para que tenham medo de se afastarem, medo disso, daquilo, de fazer e de deixar de fazer, de tal forma que isso cria um controle

humano. Muito da estrutura eclesiástica atual está baseada na exploração daquele medo adquirido no jardim do Éden.

Mas se nós formos examinar a Palavra, nós vamos ver o quê? Que Jesus veio para exterminar, acabar com o medo. Nós temos muitos fatores nos pressionando: nossa ignorância, um sistema criado para nos pressionar e nos encurralar de tal forma que nós fiquemos presos, sem saída, às vezes. Nós temos medo do amanhã, medo de não sermos aceitos, medo de perdermos o que temos. O sistema foi criado dessa forma. O diabo tem desenvolvido um sistema para que nós não possamos sair do esconderijo no qual nós nos metemos. Desde Adão lá no Éden, o sistema tem criado pressões para que nós possamos desenvolver não um jeito de sair do esconderijo, mas de disfarçarmos nossas misérias.

Eu dou aula de Administração e digo que sou um professor de Administração bastante inconsistente, o mais possível, pois eu ensino meus alunos a viverem num sistema no qual eu não acredito mais. É complicado ser professor de Administração num tempo tão conturbado. Mas as empresas apregoam um *marketing* pessoal, a imagem que você passa, que tipo de pessoa você quer ser. Eu, às vezes, tenho pena das pessoas que são agarradas ao sistema a ponto de criarem um personagem tão forte que já não saibam mais quem elas são. Nós tivemos um caso um tempo atrás, no começo dos anos 80, numa grande empresa aqui da região de Campinas. Ela dava muitos recursos para os seus funcionários e injetava neles uma imensa segurança em trabalhar ali, um *status* quase exagerado ou muito exagerado. Quando essa empresa entrou numa crise no início dos anos 80 e precisou demitir muitos daqueles executivos, gerentes, funcionários, alguns deles se mataram. Eles não sabiam o que seriam se estivessem fora daquela empresa.

Esse é um medo, um pavor que foi injetado no ser humano lá no Éden. O pecado faz isso. Mas a Palavra de Deus nos mostra que a saída, o princípio ativo da vida da igreja é nós termos a revelação individual de Jesus. E isso é um passo gigantesco, salvação, mas eu queria lhes dizer que essa salvação não se completa só quando você crê, ela precisa ser desenvolvida. A Palavra não diz “desenvolvi a vossa salvação”? Como é que eu desenvolvo a salvação? Tendo comunhão uns com os outros. Saindo do esconderijo no qual nós estávamos metidos e, através da fé em Jesus, andando sem medo, despidos, sem disfarces, sem nenhum tipo de tapume que esconda o que de fato nós somos.

Alguém já disse hoje que Deus não se scandaliza com o que nós somos porque ele nos conhece, ele sabe quem nós somos. Ele não precisa que nós disfarçemos. E a Palavra diz que andar na luz é um remédio, é um antídoto contra o medo porque ele vai nos purificar de todo o pecado.

Dois ou três com o princípio ativo para uma vida na luz

Por que eu estou trazendo estas duas cenas: a do Éden e a de João falando sobre andar na luz? Porque o evangelho que está sendo pregado, num certo sentido, tem nos

conformado com o mundo, mais do que nos tirado dele. As nossas estruturas de reunião – eu não quero aqui ficar falando mal de estrutura nem de nada, eu estou vivendo nela; como o irmão Ismael disse, eu amo a igreja, eu sinto às vezes uma angústia pela igreja – as nossas estruturas têm vivido um modelo que tem impedido as pessoas de encontrarem a libertação do medo porque a igreja, assim como o sistema do mundo, promove a impessoalidade. O diabo tem trabalhado forte conosco sobre o nosso tempo, sobre as nossas prioridades, sobre nossas expectativas, sobre as nossas escolhas diárias. Nós vivemos sob pressão. E, na realidade, o que tem acontecido? Essa pressão está nos impedindo da coisa essencial: de tocarmos e de vivermos e de tomarmos o princípio ativo que Deus tem pra nós. E o princípio ativo é justamente a comunhão de 2 ou 3.

O que é preciso pra ter igreja? Todo mundo saber responder a essa pergunta. É preciso 2 ou 3. Como é o versículo que fala sobre isso? “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”. Qual é o princípio ativo de que Jesus falou? “Em meu nome”. Então esse é pra mim o elemento que faz com que possamos viver a vida que Jesus quer que vivamos. Tudo mais que vier daí, o jeito que ele quiser dar a estas conseqüências de 2 ou 3 se encontrarem, se vai ser grupo grande, se vai ser grupo pequeno, se vai ser gente indo pra África, se vai ser gente indo só pro vizinho, não importa. Não importa o que vou fazer, onde vou fazer, como vou fazer, se vou pregar pra multidões, se vou ficar convivendo com 2 ou 3, se vou reunir com minha família. O que importa é que onde 2 ou 3 estiverem se encontrando em nome de Jesus, o princípio ativo da vida da igreja está presente.

Nós temos uma discussão hoje sobre igreja nas casas. Há muitos anos eu comecei a aprender sobre igreja nas casas. Era outro nome: célula. Depois evolui, muda o nome, mas, no fim, a coisa é a mesma. O que era a igreja nas casas? Uma pessoa num grupo menor, num púlpito menor, num cômodo menor, nem sempre num tempo menor, mas fazendo tudo igualzinho: pregação, recolhimento do dízimo, a bênção apostólica no fim, a bênção pastoral... tudo isso. O que adiantou ir pra casa? Ninguém se encontrou, ninguém se olhou e, às vezes, na família que recebeu aquela reunião, o pai não conversa com o filho, o filho não conversa com o pai, o marido não conversa com a mulher há meses, às vezes há anos. Não conversam, não se encontram, não falam um olhando no olho do outro. Não ouvem de Jesus. Será que nós sabemos que o princípio ativo da igreja não está na casa-tijolo? Princípio ativo da igreja está no lar, no marido e na mulher, no pai com seus filhos. Aí há princípios maravilhosos que podem ser ativados, e Deus pode fazer maravilhas através disso.

Quantos de nós temos experimentado uma conversa franca, aberta sobre nós mesmos? João está dizendo: “se andarmos na luz, como ele na luz está...” Isso significa que nós vamos confessar pecados. Tem que confessar pecados. Deixe eu perguntar: vocês acham que nós temos pecados? Temos, não é? Vocês acham que marido e mulher têm pecado? Agora eu pergunto: quanto tempo faz que você não ouve uma confissão de pecado? Quanto tempo? Se não tem confissão de pecado, tem alguma coisa errada. Ou nós estamos enganados – já nos santificamos tanto que não temos pecado –, ou nós estamos mentindo uns

pros outros. Quando pensamos que na essência da igreja existem pessoas se encontrando e sendo transparentes e sendo purificadas de forma radical e definitiva e que esse recurso não está sendo utilizado, vale perguntar: quando nós nos ajuntamos, o que está acontecendo com tanta gente com pecado, carregada de pressões e culpas, sem conseguir um espaço para poder falar a alguém em quem se confie de fato a fim de ser purificada? Vamos falar a verdade uns com os outros, pelo menos reconhecer esse estado de miséria em que nós andamos. A coisa está num nível pessoal. Nós precisamos encontrar 2 ou 3 com os quais possamos andar na luz. Andar na luz significa que aquele holofote divino entra, ilumina por fora e por dentro do meu ser, e os irmãos olham e vêem a miséria em que eu estou e me amam e me recolhem, e também são recolhidos e amados. Tem algum ambiente na igreja onde nós possamos hoje, de fato, andar na luz, transparentemente, sem sermos achincalhados, rejeitados e, quem sabe, excluídos?

Temos que pensar nessas coisas. Se nós estamos falando em igreja gloriosa, isso significa uma noiva sem mancha, sem mácula, sem ruga. E eu sou uma mancha, e uma mácula, e uma ruga na vida da igreja hoje porque eu também não tenho espaço onde falar as coisas que eu tenho no meu coração porque as pessoas gostam mais do personagem que eu criei do que de mim mesmo. Elas não querem nem saber. É aquela história: a moça casou-se com o príncipe encantado. Ela não quer nem saber se ele é sapo. “Mantenha-se príncipe, por favor. Não tire esse disfarce”. E com relação ao filho? “Meu filho, por favor, não seja nada que eu não te ensinei. Não pisa na bola que você vai me envergonhar. Então se você tiver pisando na bola, disfarça porque eu não quero ter vergonha”. Nós os ensinamos assim. Você pode falar que você nunca ensinou isso, mas a atitude de rejeitar qualquer coisa que seja genuína é pra não andar na luz, é pra não ter comunhão. E sem comunhão não tem Jesus. E sem Jesus não tem salvação. É uma equação. Ou você pensa que uma vez que levantou a mão, batizou-se, já está com bilhete azul e vai para o céu?

Eu não estou aqui fazendo nenhuma crítica, eu não estou querendo criar polêmica, mas eu estou querendo colocar esta equação: se não tem comunhão verdadeira, na luz, não tem purificação. Se não tem purificação, tem o quê? Tem escravidão. Sem tem escravidão, então quem reina? É Jesus? Eu estou pasmo com a questão do silêncio na igreja. Podia escrever um livro sobre o silêncio na igreja. Ninguém fala sobre si próprio. Mas quando fala, o Espírito Santo fica tão alegre que a gente vê o céu aberto. Outro dia tivemos um encontro lá em Serra Negra. Houve uma palavra boa, tudo muito bom. Mas algo nos surpreendeu: Deus pegou um homem, pai de família, advogado, um homem elegante, circunspecto, pregador erudito, e jogou-o no chão. Ele foi à frente e abriu o jogo, rasgou o coração, pediu perdão, falou os pecados dele; em seguida, a esposa foi à frente também e confessou. Aquilo era cena pra dar escândalo, mas o Espírito Santo ficou tão alegre, tão alegre que nós vimos o céu ali. Deus estava alegre, Jesus, o Espírito Santo... estava uma festa, os anjos estavam todos lá. E tudo porque um irmão foi à frente e falou: “Eu sou uma porcaria, isso, isso, isso...”. Coisa maravilhosa.

Um Deus apaixonado por vínculos

A igreja precisa sair do esconderijo onde Adão se meteu e andar na luz, para poder ser curada, para poder curar. As pessoas vivem amedrontadas aí no mundo, apavoradas. Se vocês querem ver gente apavorada, vão pras empresas, pras faculdades, pras ruas, vocês vão ver gente apavorada ali, com medo, tentando criar um personagem que seja forte, resistente, embora por trás daquelas fachadas de gente elegante, importante, existam pessoas amedrontadas. Então qual é a expectativa que eu sinto que nós devemos ter?

Nós precisamos ter angústia, peso, desejo por este lugar onde possamos aprender ou reaprender a sermos nós mesmos, sem nenhuma máscara. Pra isso acontecer, é necessário que haja o mínimo de maturidade, de tal forma que nós tenhamos amigos, pessoas com quem possamos nos encontrar na base do 2 ou 3 no nome de Jesus. Então a minha pergunta é: você tem pelo menos uma pessoa, o que é muito pouco, mas pelo menos mais uma pessoa que saiba exatamente quem você é, o que você pensa, o que você faz quando não tem ninguém olhando? Se você não tem, cuidado! O princípio ativo da igreja não está funcionando na sua vida. Essa questão é fundamental, precisa ser resolvida.

Irmãos, eu não estou falando de vocês, eu estou falando de mim. Eu estou procurando, querendo entender como é que Deus vai fazer isso. Algumas vezes percebe-se uma luz... Tem momentos que você realmente pode falar, se quebrantar, se abrir. Deus quer desenvolver relacionamentos. Princípio ativo na vida da igreja se resume numa palavra: relacionamento no Espírito Santo com Jesus atuando em todos os pontos de contato. Se você está num grupo onde você não tem contato pessoal e o máximo que você conhece é a nuca dos irmãos, cuidado! Essa é a proposta do modelo eclesial que nós temos. Não sou contra reunião grande, não sou contra reunião pública, mas a reunião pública tem que ser consequência de contatos pessoais vivos, com Jesus bem presente nesse meio.

Então essa questão de relacionamentos me leva pra alguns pensamentos. No curso "Casados pra sempre", me marcou muito aquela lição sobre aliança. Entrou. Eu entendo que Deus, pra fazer coisas na terra, não quer só nos purificar, que é uma coisa maravilhosa. Mas não podemos ficar pensando que fomos chamados por Deus apenas pra Jesus nos transformar numa pessoa sem medo, feliz e finalmente bem-sucedida. Não, não é esse o chamado de Deus pra nós. Eu diria que Deus tem coisas pra fazer na terra, não tem irmãos? Muita coisa. Minha cena mental é mais ou menos a seguinte: lá no céu, as obras que ele preparou, desde a fundação do mundo, estão todas amontoadas. Elas existem e precisam vir pra terra. Essas obras não virão senão através de nós. Eu acho que nós vivemos a seguinte mentalidade: "Tudo que Deus quer ele faz". Não, eu acho que tem coisas que Deus não faz. Tem coisas que não são realizadas porque Deus não acha um canal. E o canal somos nós. Mas como nós? Somos nós no 2 ou 3.

Tem um outro texto que diz: "Se dois de vós concordarem sobre qualquer coisa, eu farei". Não é isso que está escrito? Mas a questão é que nós pensamos que Deus vai fazer,

independente de nós. Ele não vai fazer, ele precisa do 2 ou 3. Ele precisa da igreja. Pra descer aquele amontoado de boas obras preparadas desde a fundação do mundo, pra chegar na terra, Deus precisa de pessoas em comunhão, ligadas pelo Espírito, compartilhando vida, olhando, participando, encontrando-se com ele e umas com as outras. É nesse ambiente que as coisas do céu vão chegar na terra.

Então essa questão me remete pra pelo menos dois casos que são muito conhecidos, e eu sempre cito: o de Rute e Noemi. “Então, de novo, choraram em voz alta; Orfa, com um beijo, se despediu de sua sogra, porém Rute se apegou a ela. Disse Noemi: Eis que tua cunhada voltou ao seu povo e aos seus deuses; também tu, volta após a tua cunhada. Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me obrigues a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti” (Rt 1.14-17). Bom, essa é uma cena maravilhosa. Os jovens, quando vão se casar, colocam esses versículos no convite de casamento. Mal sabem eles que este vínculo, esta aliança, este apego de alma com alma que aconteceu entre Rute e sua sogra teve um resultado maravilhoso. Rute era moabita, não podia nem passar perto do povo judeu, mas, por causa de uma aliança, foi parar na genealogia de Jesus. Tem um livro na bíblia que fala só dela. Negócio maravilhoso.

Deus ama aliança. Deus ama vínculos. Ele é um promotor de vínculos. Quando Deus encontra um ambiente onde há vínculos significativos entre as pessoas, ele acha um ambiente para trazer coisas do céu pra terra. Ele precisava pôr Davi no trono, ele precisava trazer Jesus, ele usou aquele vínculo.

O outro caso é o de Davi e Jônatas, registrado em 1 Samuel 18. Jônatas era o herdeiro do trono, mas quando encontrou Davi, viu que este era o futuro rei, e o seu coração, a sua alma se apegou a Davi, se ligou e, num certo sentido, Jônatas se sacrificou porque aquele vínculo criado entre eles foi usado por Deus para levar Davi pro trono e mais tarde pra trazer Jesus. Deus é um Deus que ama alianças, vínculos. Que nós respeitemos esses vínculos!

Eu tenho dito que Deus nos dá algumas pessoas. A 1ª coisa, ele nos dá um marido, uma mulher. Se você acredita que você se casou baseado num vínculo desse tipo, você pode saber que Deus vai usar seu casamento para trazer coisas do céu pra terra. E se você não tem essa convicção, pode buscar a Deus porque você já está casado ou casada. Veja bem essa questão do vínculo porque vínculo é uma coisa séria e sagrada na Bíblia, para que Deus possa fazer a obra dele na terra. Eu sinto que algumas pessoas são dadas a você, e você é dado a algumas pessoas. Eu sinto isso na minha vida pessoal e quando eu olho pro passado, vejo que eu não entendi direito, mas algumas pessoas vieram pra minha vida, ou eu fui pra vida de algumas pessoas porque Deus queria fazer alguma coisa séria e muito importante. Não importante no sentido de coisa grande, mas significativa e relevante no meu chamado, no chamado da outra pessoa. Eu fiz algumas coisas gravíssimas porque eu desprezei alguns

desses vínculos e não foi bom: o resultado é grave. Hoje eu tenho entendido essa questão de que essa comunhão do 2 ou 3, esse chamado de Deus para andarmos na luz, esse chamado para os vínculos espirituais estabelecidos por Deus tem parte no propósito de Deus de restaurar a vida e o princípio ativo que vai fazer a igreja ser essa bomba atômica do bem, porque o mundo está muito contaminado.

Unidade com unanimidade

Pra terminar, eu queria lembrar que nós temos falado muito em unidade da igreja. Eu confesso aos irmãos que unidade é uma palavra que também está gasta. Comunhão é uma palavra que está gasta. Antes apenas uma digressão: veja o caso da comunhão na igreja católica. A ceia lá é comunhão. Os evangélicos chamam de ceia; os católicos de comunhão. Mas no dia da comunhão, tanto evangélicos quanto católicos são chamados a uma reflexão pessoal, a uma contrição pessoal, e todo mundo fica com os olhos fechados pra ver se está tomando o pão e o vinho dignamente. E a pessoa fica se examinando pra ver se tem pecado, se não tem pecado. Está-se tomando comunhão sozinho? Comunhão vertical? Nenhum resultado horizontal, nem um olhar no olho, nada. Você tem tristeza no dia da comunhão? O que é isso? Você está terrivelmente errado. E o ritual da igreja católica piora um pouco. Veja só: você faz a confissão, que é uma coisa boa, aliás o último reduto da luz entre 2 ou 3, e depois fica se esforçando pra não fazer pecado até o dia de tomar comunhão. O problema vem agora: no dia da comunhão, você entra numa fila. Imagina? Fila da comunhão. Não dá. Nós precisamos mudar os nossos modelos mentais. Nós estamos defeituosos. Nós temos uma fonte de pensamentos errada. Nós precisamos mudar porque Deus quer comunhão, alegria, relacionamento, vida.

Mas eu estava falando de palavras desgastadas. Comunhão é uma delas. Unidade é outra. Eu acho que unidade tem que ter sobrenome. Unidade tem que ter unidade com unanimidade no Espírito Santo. Isso é o que Deus quer. Unidade consegue-se politicamente, reúne-se o conselho de pastores... Mas unanimidade é outra coisa. Nós precisamos resolver esse problema da unanimidade. Unidade não é política, não é concordância mental, unidade é uma outra coisa. Vamos fazer uma maratona de leitura rápida para vermos isso.

“Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (1 Coríntios 1.10).

“Tende o mesmo sentimento uns para com os outros...” (Romanos 12.16).

“Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, com uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica” (Filipenses 1.27).

“Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum” (Atos 4.32).

“Completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento” (Filipenses 2.2).

Isso é unidade com unanimidade no Espírito Santo.

Vamos parar de usar essa palavra, unidade, sem sobrenome. Vamos falar unidade com unanimidade. Ter o mesmo sentimento, o mesmo amor, a mesma atitude, a mesma fé, e isso é comunhão. Nesse espírito, quando nos encontramos e conseguimos reunir esses elementos em torno de algo, pode saber que aquilo já aconteceu. Essa é a fé lá de Hebreus. Quando eu consigo sentir a mesma coisa, pensar a mesma coisa, querer a mesma coisa que o irmão está querendo, pensando e sentindo, esta coisa já aconteceu. E Deus está com pressa. Ele precisa fazer a obra dele na terra. Ele precisa restaurar, ele precisa preparar a igreja, mas só vai acontecer com esse princípio ativo que nós acabamos de ver.

Paulo Manzini, 56 anos, é casado com Rosane e tem dois filhos: Osler e Ruben. Reside em Jundiaí SP e atua como professor universitário. E-mail: pmanzini@uol.com.br